



A variação linguística no livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio

The linguistic variation in the Portuguese language textbook of High School

Marcos José de Souza*

Secretaria de Educação do Estado da Bahia

Fátima, Bahia, Brasil

Resumo: Nossa investigação tem como foco a presença da variação linguística como conteúdo de estudo nos livros de Língua Portuguesa do Ensino Médio, utilizados no período de 2001 a 2017 pelo autor deste trabalho como docente de Língua Portuguesa em uma escola no município de Fátima-Bahia. O objetivo geral é verificar como o tema deste trabalho aparece nos livros didáticos e o tratamento dado pelos autores via textos e atividades para o seu estudo em sala de aula. Para tanto, fizemos a catalogação das seis coleções usadas naquele período, fazendo o levantamento preliminar de todas as ocorrências e localizando o momento em que o conteúdo aparece no livro didático (e quando aparece); em seguida, analisamos todas as ocorrências de cada coleção. A segunda fase da elaboração do artigo deu-se com o cotejamento dos resultados da investigação daquela primeira fase, com algumas das principais autoridades no tema da Sociolinguística e ainda com o que dizem os documentos orientadores produzidos e divulgados pelo Ministério da Educação para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Constatamos que o tema Variação Linguística está presente em cinco das coleções usadas e em todas as ocorrências, tanto os textos, quanto as atividades de compreensão e de análise, primam pelo conhecimento e pelo respeito à diversidade da Língua Portuguesa. Entretanto, mesmo sob a égide de combater o preconceito linguístico, alguns estereótipos permanecem, o que pode ser configurado como preconceito linguístico. São usados bons textos dos mais variados gêneros e tipos e de diversos autores nacionais, de todos os cantos do Brasil, incluindo trechos teóricos nos exercícios acima apontados. Este artigo tem uma relação direta com o nosso trabalho cotidiano na docência de Língua Portuguesa, pois enfatizamos a diversidade, inclusive com os exemplos do cotidiano dos nossos alunos, uma vez que a maioria absoluta é residente na zona rural e, mesmo em um pequeno município como o nosso, a variação é presente, inclusive no meio em que os alunos vivem, sendo essa variação marcadamente identificada pela faixa etária dos sujeitos. Enquanto os jovens e as crianças frequentam a escola, os idosos não frequentaram e entre os adultos o índice ainda é baixo. Por este e outros motivos nossa sala de aula sempre foi um laboratório vivo, com diversidade linguística e, por extensão, cultural.

Palavras-chave: Variação linguística. Livro didático. Ensino Médio. Sociolinguística. Língua portuguesa.

Abstract: Our investigation focuses the presence of linguistic variation as content of study in Portuguese Language books of High School, used in the period from 2001 to 2017 by the author of this paper as a Portuguese teacher at a school in the city of Fátima-Bahia. The general objective is to verify how the theme of this paper appears in textbooks and the treatment given by the authors via texts and activities for his study in the classroom. For this, we cataloged the six collections used in that period, making a preliminary survey of all occurrences and locating the moment when the content appears in the textbook (and when it appears); then we analyze all occurrences of each collection. The second phase of the article's elaboration took place with the comparison of the research results of that first phase, with some of the main authorities on the subject of Sociolinguistics, and with what say the guiding documents produced and disseminated by the Ministry of Education for the teaching of Portuguese Language in High School. We found that the theme Linguistic Variation is present in five of the collections used and in all occurrences, both the texts, as well as the comprehension and analysis activities excel in knowledge and respect for the diversity of the Portuguese

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor de Língua Portuguesa e diretor do Colégio Estadual Nossa Senhora de Fátima. E-mail: professormarcos1968@hotmail.com.

Language. However, even under the aegis of combating linguistic prejudice, some stereotypes remain, which can be configured as linguistic prejudice. Good texts of the most varied genres and types and of several national authors are used, from all places of Brazil, including theoretical excerpts in the exercises mentioned above. This article has a direct relationship with our daily work in Portuguese teaching, because we emphasize diversity, including examples of our students' daily lives, since the absolute majority is resident in the countryside and, even in a small municipality like ours, the variation is present, including in the environment in which the students live, this variation being markedly identified by the age group of the subjects. While young people and children attend school, the elderly did not attend and among adults, the rate is still low. For this and other reasons, our classroom has always been a living laboratory, with linguistic and, by extension, cultural diversity.

Keywords: Linguistic variation. Textbook. High School. Sociolinguistics. Portuguese language.

1 INTRODUÇÃO

A temática Variação Linguística, doravante VD, está presente no início do Livro Didático, doravante LD, para o estudo de Língua Portuguesa do Ensino Médio – EM daqui em diante – o que, a nosso ver, representa uma possibilidade do enfrentamento do Preconceito Linguístico, evidentemente, sob a ótica de um professor que aborda e encara como positivo esse fenômeno linguístico, e cultural por extensão. Nosso primeiro critério é localizar o conteúdo no índice ou sumário dos Livros Didáticos selecionados a partir do nosso exercício docente no Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino no município de Fátima, Bahia, na unidade escolar Luís Eduardo Magalhães, situado na sede do município, desde o ano de sua fundação, 2001, quando fornecia também as séries finais do Ensino Fundamental, passando, do ano de 2003 em diante, a oferecer somente Ensino Médio, na modalidade regular, e o Curso Normal Médio.

E o que entendemos por Variação Linguística? Sem mais delongas, nos apoiamos em alguns estudiosos da Sociolinguística, um ramo da Linguística que preconiza ser a variação linguística um fenômeno cultural da língua de um determinado povo que se caracteriza pelos mais variados usos, modificados por elementos tais como tempo histórico, nível de escolarização, ambiente de uso familiar e não familiar, faixa etária dos falantes, intenções e momentos dos usos da língua, dentre outros possíveis influenciadores e provocadores de variação.

Todos os LD apresentam caminhos diferentes para o estudo da VL, mesmo aqueles cuja autoria se faz presente com ou sem parceria (a coautoria). Os livros analisados são os seguintes, cuja ordem é a nossa utilização na Unidade de Ensino, no período de 2001 a 2017 – excluído o ano de 2018 em face de não termos atuado na 1ª série, momento no qual o fenômeno linguístico sempre é trabalhado com ênfase:

1. MAIA, João Domingues. *Português*. São Paulo: Ática, 2003;
2. FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. *Português*. São Paulo: Ática, 2002;
3. FARACO, Carlos. *Português: língua e cultura*. Curitiba: Base, 2003;
4. AMARAL, Emília et al. *Novas palavras*. São Paulo: FTD, 2005;
5. SARMENTO, Leila; TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática, produção de texto*. São Paulo: Moderna, 2010;

6. CEREJA, William; MAGALHÃES, Thereza. *Português – linguagens*. São Paulo: Saraiva, 2013.

No primeiro momento do trabalho faremos uma análise da presença da Variação Linguística no LD de cada período utilizado, mas com pequenas incursões/inserções de diálogos entre eles. No segundo momento, já nos encaminhando para a conclusão, faremos uma leitura dos documentos oficiais, as Diretrizes Curriculares Nacionais, e alguns artigos científicos sobre a temática, preferencialmente publicados no período em que o uso dos livros didáticos ocorreu e que incidam sobre o Ensino Médio.

Por fim, e à guisa de conclusão, elaboraremos nossas considerações finais mesclando inferências deste estudo, com juízos de valor da nossa experiência cotidiana com outros profissionais da docência no EM – não somente de Língua Portuguesa –, e apresentaremos novas frentes de estudo desta investigação que vislumbra um “bom” caldo cultural (haja vista que ao pesquisar sobre Variação Linguística transitamos pela Política, Sociologia, Antropologia, Geografia, enfim, mesmo correndo o risco de ser redundantes ou mesmo multifacetados, pela cultura).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O PIONEIRO, PORTUGUÊS: MAIA E A LÍNGUA E SUAS VARIEDADES

O tema deste artigo, Variação Linguística, aparece somente na I unidade do LD, na seção Comunicação e Expressão, nomeada “A língua e suas variedades”. A seção permaneceu até a Unidade 7 e na seguinte surge Literatura, permanecendo durante as seguintes, cuja distribuição é:

Texto

Margens do texto

Horizontes do texto

Intertextualidade

Exame de textos

Literatura

Produção de textos

Gramática (esta surge na Unidade 4 e vai até a de número 48)

Conforme anunciamos na introdução, faremos a exposição da unidade dos livros que apresentam a VL, entremeada com comentários sobre um ou outro detalhe do conteúdo apresentado.

“Um poliglota na própria língua”, do estudioso da Língua Portuguesa, o prof. Evanildo Bechara, é o texto que abre a unidade do livro, o qual trata de situações e reflexões sobre a adequação da língua, como, por exemplo, o comportamento do professor diante da sua exigência para que o aluno “fale” de um desses determinados momentos que aqui é a variedade padrão; a segunda refere-se a uma fictícia família – não sabemos de onde ela parte em direção ao Rio Grande do Sul – que ao passar pelo Paraná

depara-se com placas de trânsito, as quais chamam a atenção para que os motoristas tenham cuidado com as tartarugas. A frase denota para o motorista a ideia de que “os animais” podem aparecer na rodovia a qualquer momento, mas o engano, enfim, é revelado. As tartarugas nunca apareceram, conforme o previsto, pois tratava-se de quebra-molas.

O conteúdo é destinado à 1ª série e, segundo nossa experiência de trabalho, esse tratamento no início do ano letivo dessa fase do ensino, o Médio, tem causado estranheza nos estudantes, uma vez que desde o início da escolarização o “falar” sempre foi visto como negativo, atrasado, sem relevância para a aprendizagem. Entretanto deve ser encarado, discutido e analisado na escola, o que pode promover ação cidadã, quando o estudante compreender que a língua não é uniforme e seu limite é a adequação (MAIA, 2003).

Outro destaque ao texto do prof. Bechara é a afirmativa “O professor de hoje reconhece que o aluno vem com a sua modalidade linguística” (MAIA, 2003, p. 11), também solicitada para a reflexão como exercício para o aluno. Apesar de a contextualização não corresponder a um dos objetivos do ensino atual, o que se vê ainda nos mais variados extratos sociais e áreas de atuação da VL é sabidamente restante, mas não respeitada e/ou utilizada para a construção do conhecimento.

Apesar dessa nova constatação, entendemos que o autor do LD, *Português*, estimula a reflexão ao colocar a seguinte pergunta a partir da frase acima destacada e retirada do texto do prof. Bechara: “Na sua opinião, ao rejeitar a língua que a criança ou jovem trazem do seu meio, a escola estaria provocando no aluno sentimento de insegurança e frustração que prejudicam o aprendizado da norma culta?” (MAIA, 2003, p. 11). O que se espera do professor é que ele destaque o respeito que todos devem destinar a qualquer tipo de falante, de qualquer variedade, e que a possibilidade de reinvenção do cotidiano, a reflexão, independe do nível sociocultural do indivíduo. A escola é somente mais um lugar para o desenvolvimento das potencialidades, da colaboração para que ali crianças e adolescentes se fortaleçam como humanos.

Antes de adentrar a parte da unidade do LD que consideramos teórica, o autor traz mais um exercício reflexivo sobre a VL, dessa vez com a reprodução de uma questão retirada de um concurso, sendo a parte objetiva indicada pelas iniciais IBMEC e de autoria do professor e pesquisador Mario Perini.

“A língua e suas variedades” é o título dado ao item Comunicação e Expressão (o qual está presente em todas as unidades do LD, conforme relacionamos no início desta parte do trabalho), o qual é subdividido nas seguintes partes:

Variedades linguísticas

Gíria, jargão e calão

As variedades cultas

Linguagem oral linguagem escrita

O preconceito linguístico

Por que estudar a língua padrão

A este momento é acrescentado mais um exercício de fixação e reflexão sobre a temática. Por fim, a unidade é encerrada com outra atividade sobre VL, desta feita para produção de texto a partir da seguinte paráfrase de um texto do prof. Bechara:

Por um lado, há os puristas que cometem o erro de entender que a língua é apenas a modalidade culta refletida nos textos escritos literários ou não. Estes repudiam todo saber linguístico transmitido da família para os filhos. Por outro lado, há aqueles que, equivocadamente e por exagero de interpretação de “liberdade”, cometem o abuso inverso de repudiar qualquer outra língua que não seja aquela coloquial, de uso espontâneo na comunicação cotidiana (MAIA, 2003, p. 17).

Mas voltemos ao item “A língua e suas variedades”, que é iniciado com a sugestiva frase “Uma língua não é falada de maneira idêntica pelos seus usuários” (MAIA, 2003, p. 12). O autor a atribui ao Brasil, pois justifica exemplificando que as variações são evidentes uma vez que gaúchos, pernambucanos, cariocas, mineiros e paulistas (os exemplos são concentrados entres os sudestinos) usam expressões diferentes para designarem uma surpresa, um pedido etc. E nos informa ainda que as variações dos exemplos citados são de natureza fonética, o conhecido sotaque; lexical, palavras ou expressões do lugar; e sintáticas. Além das variações regionais (o que fica subentendido pela nomeação de alguns tipos de brasileiros indicados pelos adjetivos), nosso interlocutor atual aponta os seguintes elementos como determinantes na VL:

Época
Classe social
Nível de instrução
Faixa etária
Situação de comunicação

E o que concretiza a VL é a vida que lhe é dada e isto acontece quando o falante, um sujeito, que possui identidade social e cultural, idade etc. exerce a fala em uma determinada situação. Maia ainda traz a noção de registro, a qual está relacionada à noção de formalidade e esta, ao momento do uso, isto é, da situação.

Vê-se que muitas palavras que designam a VL aparecendo no cotidiano escolar, as quais quando usadas, analisadas de modo distante do próprio uso, fora do contexto, ficarão somente naquela aula, o que não provoca a reflexão sobre o fenômeno (o que ocorre também com o texto literário e suas nada proveitosas “fichas de leitura”, as quais não promovem um mergulho no texto e as implicações que este “mergulho” possa provocar).

Ainda trazendo outros elementos sobre VL, o autor traz a gíria, o jargão e o calão considerando os dois primeiros como códigos linguísticos de um determinado grupo sociocultural sendo a gíria mais relacionada ao fator faixa etária e o segundo ao fator profissional. O calão é também integrado a este momento de exposição bastante deslegante para o uso da língua (MAIA, 2003, p. 14).

Interessa-nos ainda expor as justificativas dadas às variedades cultas, que, segundo Maia (2003), existem em face das diferenças que falantes considerados cultos, residentes em regiões diferentes e com profissões e idades distintas, usam com características próprias e que apresentam variações. Esta situação, a nosso ver, não constitui variação linguística, pois trata-se de elementos sociais e culturais do mesmo nível (ou não?).

Aponta ainda Maia (2003) para as distintas elaborações da língua a partir da fala e da escrita, consideradas estilo próprio de cada indivíduo, com a diferença de que a fala exige menos elaboração do que a escrita em face da sua espontaneidade. Por fim, o preconceito linguístico, expressão emergente à época e que conquistou espaço no meio acadêmico, chegando até a Escola Básica, é considerado quando o estudante leva para a escola a variedade usada majoritariamente pelos indivíduos de pouca ou nenhuma escolarização e esse “modo de falar” é considerado inferior e, por isso, proibido. Essa proibição ocorre, por exemplo, quando o estudante, ao se expressar, é rechaçado pelo professor e/ou pelos colegas, sendo chamado à atenção com uma expressão do tipo “não é assim que se fala”, ou “você falou errado”, “o certo é...”. Após a exposição sobre preconceito linguístico a unidade é encerrada com a justificativa “Por que estudar a língua padrão”. O que nos chama a atenção é que o autor não usa o termo “variação/variante”, mas “língua”, o que conota mais “peso” sociocultural a ele, em detrimento do usado para designar as variedades.

Enfim é encerrada a unidade letiva com questões objetivas e uma proposta de redação, para reflexões sobre o tema estudado, a VL. O uso do exercício com questões objetivas, à primeira vista, pode ser considerado improdutivo, mas se são provocados a reflexão, o debate e as inferências, a atividade surtirá o efeito desejado: a aprendizagem com criticidade. O aprofundamento e a organização das ideias para a produção textual elevarão o nível de aprendizagem.

2.2 NOVAMENTE PORTUGUÊS, MAS SEM “VARIACÃO”

O segundo livro utilizado em nosso exercício docente, da dupla de professores Carlos Faraco e Francisco Moura, não apresenta o conteúdo do nosso objeto de investigação, a variação linguística.

2.3 A LÍNGUA PORTUGUESA É PARTE DA CULTURA: A CONTRIBUIÇÃO DE CARLOS FARACO

Com o sugestivo título *Português: língua e cultura*, Carlos Faraco, nosso segundo interlocutor, nos brinda com um denso trabalho de estudo da língua portuguesa nos seus mais diversos aspectos constitutivos e sua exploração no âmbito escolar. Inclusive apresenta o nosso tema em dois capítulos, a saber:

Cap. 11 – A flexibilidade das línguas

Cap. 12 – A variação linguística

Esses capítulos integram a Enciclopédia da linguagem juntamente com outros três capítulos.

Mesmo sem apresentar a expressão *Variação Linguística*, o cap. 11 traz os princípios da organização da língua, isto é, a realização de comunicação é inerente aos falantes de um determinado idioma, e a possibilidade de escolha que esse mesmo falante pode alcançar. Esses princípios constituirão o que nosso interlocutor nomeia de estilo, isto é, “[...] o produto desse trabalho individual de escolher entre as inúmeras alternativas que a língua nos oferece e, com isso, dar um tom pessoal à expressão” (FARACO, 2003, p. 152, grifos nossos).

Para ilustrar essa personalização do uso da língua, Faraco (2003) nos sugere o estudo do texto bíblico que versa sobre a origem do mundo, presente no início do livro sagrado. Ao tempo em que os exemplos são expostos, sugestões de escrita para algumas frases do trecho são expostas no rodapé da página. Tal atividade permite ao estudante a ampliação do seu universo lexical sinonímico, bem como, o que é o principal objetivo, estimula a criatividade em momentos de produção textual – oral ou escrita.

Ainda nessa mesma atividade, o autor apresenta mais uma nova versão do texto bíblico e propõe a seguinte tarefa: “Experimente redigir a sua versão para este segmento do texto, explore as possibilidades expressivas da língua, mas mantenha as mesmas informações na mesma sequência” (FARACO, 2003, p. 154, grifos nossos). O destaque aos verbos deve-se ao fato de que a atividade proposta prima pela observação, análise e síntese sempre em uma perspectiva livre e crítica da produção do estudante. O autor encerra o capítulo com um poema de João Cabral de Melo Neto, “O Ferrageiro de Carmona”, e trechos de um ensaio intertextual, “Não dá para entender no nada ao idiomatismo”, de Cláudia Nina. Em ambos os textos, exploram-se os estilos e as possibilidades de uso da língua.

O tema propriamente dito e que se apresenta no título é “A variação linguística”. Mesmo fazendo uso de um amplo conjunto de textos e explorações, não se apresentam grandes novidades em relação ao nosso primeiro interlocutor, Maia (2003). E os subtítulos são os seguintes:

A língua é um conjunto de variedades
A variação geográfica
A variação social
A variação contextual
A língua padrão
A língua padrão no Brasil
Como sair dessa?

Entretanto temos a aparição da expressão “pesquisas sociolinguísticas” (na página 164) para ilustrar os fenômenos simultâneos que vêm ocorrendo no uso corrente do “Português Brasileiro” (outra novidade apresentada pelo autor), por influência do português popular – PP – sobre o português culto – PC – e vice-versa. Isto é, enquanto falantes do PP se aproximam do uso da concordância – característica do PC –, os falantes

deste abandonam a mesma concordância em algumas situações. Daí nosso interlocutor afirma que “as duas variedades sociais do português brasileiro não são realidades totalmente estanques e separadas. Elas convivem pelo país afora (por meio, inclusive, do rádio e da televisão e se influenciam mutuamente)” (FARACO, 2003, p. 164).

O grande diferencial para o “tratamento” da VL na sala de aula, e fora dela, trazido pelo nosso interlocutor é o conjunto de orientações dado com o curioso título que encerra a exposição de conteúdo, “Como sair dessa?”, pois, para Faraco (2003), a situação de comunicabilidade entre os falantes ainda é conflituosa, uma vez que os não-dominantes da variedade padrão não possuem liberdade para falar em qualquer ambiente. É em face dessa animosidade que ele enumera quatro possibilidades denominadas de balizas, pois, “enquanto essa situação não se deslinda adequadamente, nós precisamos definir umas balizas para não afundar em chão movediço” (FARACO, 2003, p. 168), a saber: 1) manter o contato direto e contínuo com textos literários, e até acadêmicos, e da grande imprensa; 2) identificar os pontos básicos, as marcas registradas da variável padrão: a concordância verbal, a conjugação dos verbos irregulares, casos específicos de regência verbal e o tratamento ao interlocutor; 3) recorrer sempre aos dicionários, gramáticas e manuais de redação – mesmo com ressalva quanto à capacidade de esclarecer que poucas dessas fontes possuem; 4) ter em mente que não há erro/acerto no uso da língua, mas variações, e essas, adequadas ou inadequadas conforme o momento.

Como de costume, ao final do capítulo são expostos exercícios para ser detectada a compreensão do conteúdo e aqui nosso interlocutor usa textos e atividades extensos e de nível teórico elevado para o Ensino Médio. Por exemplo, o primeiro texto é uma transcrição de áudio de uma entrevista feita com um operário do ABC paulista, com 20 (vinte) linhas, recheado de reticências para marcar as pausas, cujas atividades para os alunos são indicadas pelos verbos e expressões como, “ao ler”, “releia” e “transforme”. A segunda questão solicita que a classe seja dividida em grupos para ouvirem músicas de rap e em seguida promovam uma discussão na classe. A terceira questão, com um enunciado extenso, disserta sobre o cantor Adoniran Barbosa e “pede” que a classe “ouça” as músicas dele “prestando atenção especial na visão de mundo”. No segundo momento, “Tendo as informações deste capítulo”, pede que a classe promova uma discussão sobre a seguinte frase do cantor: “esse negócio de falar errado não é fácil. Precisa saber falar errado. Muitas vezes o errado é o certo” (FARACO, 2003, p. 173).

Vê-se que as atividades são ricas e necessitam de algumas aulas para serem desenvolvidas, entretanto com o currículo que a escola dispõe e a ausência de diálogo entre os componentes curriculares, os professores, ao usarem-nas em sala de aula, enfrentarão enormes dificuldades. Mas precisam de enfrentamento.

A primeira fase de atividades é encerrada com mais um texto teórico, dessa vez de autoria de Sírio Possenti, intitulado “Não existem línguas uniformes”, com 69 linhas, do qual é solicitada a leitura e a localização dos pontos principais coincidentes com o estudo do capítulo. O rol de atividades continua com a produção de um esquema e de um texto do tipo jornalístico a partir de um tópico do primeiro trabalho. E ainda constam 12 questões objetivas.

2.4 UM COLETIVO APRESENTA AS NOVAS PALAVRAS

A novidade é que este nosso interlocutor é um grupo de professores responsável pela autoria do nosso quarto livro com quem dialogaremos nesse momento do trabalho. O tema VL também (como nossa fonte anterior) é apresentado em dois capítulos, o primeiro e “Gramática... gramáticas” e o segundo, “Noções de variação linguística”, isto é, antes de apresentar a VL, os autores apresentam a noção de gramática internalizada e a de gramática normativa. Para tal, usam o texto “Santos nomes em vão”, de Raul Drewnick, no qual três falantes do idioma contracenam e, propositadamente, fazem da língua o modo próprio de suas ações no meio em que vivem. Outro diferencial dessa coleção é a diagramação das páginas, que apresentam de um a três pequenos quadros informativos, como curiosidades do tema, sempre coloridos.

Como quase sempre, isto é, assim como nas demais coleções, um texto literário ou jornalístico é exposto após o início da unidade do LD, seguido de um exercício de análise e de compreensão (ou o inverso), posteriormente trechos daquele texto são usados para compreensão da temática linguística da unidade. No caso atual, a VL ainda não chegou, isto é, a sua nomenclatura, mas, de acordo com análises anteriores, também há o conteúdo da variação linguística, a saber: a existência da gramática normativa e da gramática internalizada, que geram (ou foram geradas) pela língua culta e pela língua coloquial (tópico seguinte) e adequação e inadequação linguística.

Para ilustrar o uso da língua culta (LCt) e da língua coloquial (LCq), os autores expõem um quadro comparativo. Essas variedades, juntamente com a adequação/inadequação da língua, podem receber o nome de “contexto linguístico”. Por exemplo:

LCt	LCq
Mais preocupações com a pronúncia: nós, vocês, está bem, não vou, não quer.	Pronúncia simplificada de palavras e expressões: nós, oéis, tá bão, num vô, num qué.

Fonte: Amaral et al. (2005, p. 142).

Quanto à ilustração para a adequação do uso da língua, vimos que o exemplo dado sugere que falantes que ocupam funções consideradas inferiores não possuem um vocabulário enriquecido, pois, ao se dirigir ao cozinheiro, o falante usou termos desconhecidos pelo ouvinte, o qual não soube identificar a mensagem nem mesmo qual a intenção do falante.

Para que o uso da língua seja adequado, com linguagem formal (para língua culta) e informal (para língua coloquial), os autores citam fatores que influenciam no uso da língua: o interlocutor, o assunto, o ambiente, a relação falante-ouvinte e o efeito pretendido, entre outros. A princípio podemos relacionar tais fatores como variações linguísticas, entretanto, para nossos interlocutores, a VL existe porque aqueles influenciam o uso da língua, variando-a no tempo, no espaço e no nível sociocultural.

Sem apresentar novidades quanto ao conteúdo, os interlocutores atribuem ao nosso idioma o adjetivo “brasileiro” (usado também por Faraco, como vimos na seção anterior deste trabalho), criando as expressões Português de Portugal e Português Brasileiro, pois o mesmo idioma vai além das diferenças de sotaque, passando pelo vocabulário e significado de algumas palavras e expressões e até mesmo diferenças de ordem sintática (AMARAL et al., 2005, p. 154), constatação também baseada em trabalho do professor Marcos Bagno, cujo pequeno texto/trecho é apresentado nesse momento da unidade do LD.

Ao apresentarem a variação geográfica, os autores erram duas vezes ao atribuírem, além do sotaque (o mais “badalado”), o vocabulário e algumas expressões, a diferença da fala do nordestino relacionada à do gaúcho e à do carioca. Fazemos essa afirmação porque não existe a “fala do nordestino”, mas a fala do sertanejo, morador do semiárido, do baiano do litoral, do pernambucano do litoral e da zona da mata etc. Essa tentativa de homogeneização é mais um preconceito linguístico que os autores expõem e não sabemos ser ou não ser intencional essa atitude, essa intenção.

Por fim, chamamos a atenção para a riqueza das atividades de exercício sobre o conteúdo estudado na unidade do LD, mas também ressaltamos sua quantidade, demasiada. O LD está dividido nas chamadas partes que constituem o ensino de língua portuguesa, a saber, pela ordem em que aparecem: Literatura (p. 13-136); Gramática (p. 138-246) e Redação e Leitura (p. 248-302).

2.5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MAIS UM “MANUAL” DIDÁTICO: PORTUGUÊS: LITERATURA, GRAMÁTICA, PRODUÇÃO DE TEXTO

Nosso quinto interlocutor é um livro didático elaborado pela dupla Sarmiento e Tufano, comumente dividido conforme o subtítulo acima, e o tema VL é apresentado logo no início do livro, com a variação considerada como aquela que gera as demais, a histórica, seguida pelas “variedades regionais e sociais”. Segundo os autores, a VL ainda apresenta a linguagem formal e a informal, a oralidade, a escrita e a gíria.

Esse modo de apresentar o tema pode tornar a recepção conflituosa, uma vez que é usado um cartaz pouco atrativo do início do século XX, somente em preto e branco, no qual se vê um pequeno texto com o detalhe de uma fazenda e com uma imagem feminina de perfil, reproduzida da Revista Fon-Fon, e, evidentemente, com a grafia da época – início do século XX –, por ser esta a razão do uso do suporte textual. Como se não bastasse a pouca atratividade do texto, o LD apresenta um exercício longo para a compreensão e análise textual. Após esse contato, nossos interlocutores apresentam os aspectos linguísticos alterados pela variação histórica: ortografia, semântica, léxico, fonética e sintaxe.

A segunda variedade apresentada vem em dupla, a regional e a social, a qual é o mote para exposição e explanação de outros elementos da VL, como norma culta, variedade padrão, variedades populares ou variedades não-padrão (sempre no plural). Segundo nossos interlocutores, há alguns aspectos que se associam a essa variedade, tais

como: região, faixa etária, sexo e grupos sociais. Mas não apresentam detalhes diferentes dos demais já vistos anteriormente em nosso discurso analítico sobre a VL no LD do EM.

Para apresentar a variável no contexto, os autores expõem dois textos de um mesmo autor, do jornalista Eduardo Bueno, que à época tornou-se famoso e com grande espaço na mídia televisiva, por o “considerarem” renovador do discurso analítico da história do Brasil e, por isso, responsável por algumas “pelejas” com outros analistas históricos. A variação aqui consistiu na formalidade – quando o falante busca entender a gramática normativa – e na informalidade – quando o falante não prescinde de maiores cuidados na organização da fala, pois aquela cria uma situação de intimidade com quem o ouve. Entretanto a exploração deste aspecto da VL (da linguagem formal e também da informal) é assentada na gramática normativa, expressão que aparece seis vezes no capítulo, mas em nenhuma delas é sequer dada uma definição. Segundo os autores, a sequência de variações não é explicitamente linguística, apesar de algumas referências, pois a temática que aparece no título do capítulo vem com as denominações aspectuais, conforme os linguistas apontam, o que acontece em todos os livros aqui analisados.

Outro detalhe dessa variável “contexto” é que os autores abordam o texto verbal e o texto não verbal como “aliados” da oralidade e da escrita na emissão de um determinado discurso, isto é, em ambas as situações fala/texto, os falantes podem recorrer a expressões fisionômicas, gráficos, cores, sinais, entre outros elementos que geram sentidos próprios, os quais caracterizam intenções na comunicação. O capítulo é finalizado com breves explanações sobre gírias e jargão, sem, entretanto, fornecerem diferenças entre os já vistos até aqui.

Ainda no campo do exercício, atividades de compreensão e análise, essa nova fonte exagera nesses instrumentos sem indicar outros locais, momentos e suportes para o contato e posterior reflexão sobre a VL, cabendo ao professor ter a criatividade para ir além do exposto ali a fim de produzir/proporcionar conhecimento com criticidade, como requer a educação contemporânea.

Vamos agora ao nosso último ponto de contato nessa travessia pelo LD na busca de encontrar e dialogar com a VL no EM.

2.6 O PORTUGUÊS É ASSOCIADO A LINGUAGENS, ASSIM MESMO, NO PLURAL

De modo leve e até dinâmico, a VL é apresentada a partir de um texto de Patativa do Assaré, mas seguido de um exercício nos moldes presentes na maioria dos demais LD já analisados. Toda a temática é distribuída em um pequeno número de páginas, em detrimento de uma quantidade maior de exercícios, entretanto este detalhe não lhe confere menor valor.

Após a apresentação do texto e das atividades, os autores – é mais uma dupla – abordam a existência da linguagem e o aprendizado da língua, como vamos, desde bebês, nos apropriando do vocabulário e da organização desse manancial, produzindo e mantendo contato com textos orais e escritos. Sendo seres sociais e sociáveis, os indivíduos vão mantendo relações na rua, na escola e nos mais diversos ambientes e é

nesses contatos que se manifestam os usos diferentes da língua, os quais são denominados de variedades linguísticas.

Para evitar que cada falante use a língua à sua maneira, em todo o mundo existem especialistas que registram, estudam e sistematizam o que é a língua de um povo em certo momento, o que dá origem à norma-padrão, uma espécie de lei que orienta o uso social da língua. Essa norma padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 79).

Nesse LD também são usados pequenos quadros informativos tal qual os links em uma página da web, o que favorece o despertar da curiosidade no estudante. Nos quatro que aparecem, no primeiro há a seguinte pergunta: “Onde se fala melhor o português no Brasil?”. A resposta é que não existe o melhor, pois temos variedades regionais que somente marcam diferenças. No segundo quadro justifica-se o ensino da norma padrão na escola para que o estudante possa se comunicar com propriedade independentemente do seu meio social. No terceiro aparecem as definições de variedades linguísticas, norma-padrão e variedades urbanas de prestígio. Essa expressão não aparece nos demais LD e está associada à norma padrão, também conhecida como norma culta. Por fim, no quarto quadro vemos “A língua como expressão de identidade grupal”, que se relaciona à gíria e ao jargão.

Outro destaque que fazemos a este LD é que as variações, comumente citadas no universo/campo das VL não aparecem aqui, entretanto caberá ao professor fazer esta inferência e abordá-las enquanto trabalha com os poucos, mas significativos, textos expostos no capítulo, sendo o primeiro deles do grande Patativa do Assaré, que não sabia ler/escrever, contudo sabia ler e escrever o mundo e este detalhe dá “muitos panos para as mangas” em uma aula para além da VL e seus componentes histórico, etário, sociocultural e regional.

O segundo texto é uma tirinha que traz a ideia de gíria cujos formato e suporte podem ser abordados pelo professor, comparando-os com as variáveis elencadas para o texto de Patativa. Enriquecendo ainda mais o momento, temos outro poema, dessa vez de um representante de outro povo lusófono, de Xanana Gusmão, do Timor Leste, também colonizado como “nosotros”, cuja mensagem traz a marca de sua cultura.

Enfim, mesmo sem fazer uso da nomenclatura, tem o professor um manancial em poucas páginas –quatro, somente – para informar, despertar, criticar, produzir e desenvolver com sua classe de aprendizes. As atividades propostas são um caso à parte, pois também são longas para as dimensões da matéria exposta, o que, em nossa experiência, tem gerado cansaço e pouco interesse, entretanto a sua qualidade não deixa a desejar, uma vez que os mais diversos aspectos do conteúdo são abordados com formatos diversificados. Contrariamente ao que vemos dos estudantes, deveriam se sentir estimulados quanto aos desafios propostos. Diante dessa situação, o que fazer? Seguir em frente ouvindo, refletindo, agindo...

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde e como está a VL “do LD” nos documentos orientadores oficiais? Consultamos e analisamos quatro desses documentos, sendo um deles produzido pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia e os demais pelo Ministério da Educação. Desses últimos, um foi o de cunho geral, os Parâmetros Curriculares Nacionais, conhecidos como PCN, e os outros dois, exclusivos da área de Linguagens, na qual a disciplina Língua Portuguesa está inserida.

Nosso propósito aqui não é produzir uma análise aprofundada desse material, mas tão somente identificar nosso tema nesses documentos orientadores, pois eles foram produzidos para indicar os caminhos que a legislação determina para o ensino, cujo conteúdo está presente, majoritariamente, no Livro Didático, nossa fonte de estudo. Aliadas a esta justificativa e esclarecimento, análises desses documentos já foram realizadas em diversos cantos do país e nos mais variados níveis da pós-graduação.

Dito isso, afirmamos que o tema VL está presente nos documentos orientadores consultados, exceto no estadual – o que para nós configura em um erro, uma vez que a legislação e orientação são de responsabilidade do ente federal, mas a oferta do Ensino Médio é Estadual, por força de Lei. E dentre aqueles em que aparece, destacamos o documento que trata exclusivamente da área de Linguagens, que traz em seu título o detalhe “Orientações Educacionais Complementares aos PCN”. Nele, a presença da VL ganha mais ênfase em relação aos demais conteúdos e com detalhes que garantirão aos professores, quando consultá-lo, sentirem-se mais esclarecidos e seguros quanto ao uso em sala de aula do tema da Variação Linguística.

Vejamos, quanto ao critério para a seleção dos conteúdos, a Competência Interativa:

[...] é preciso cultivar a ideia – tanto em professores quanto em alunos – de que a língua materna é um dos principais operadores da comunicação, das diversas trocas sociais de que participamos cotidianamente. Seus usuários devem dispor dela adequadamente nas diversas situações comunicativas, cabendo à escola um importante papel de mediação na aquisição dessa competência (BRASIL, 2002, p. 74).

Um pouco mais adiante, o documento indica como fatores para o desenvolvimento dessa competência as variações linguísticas, com a justificativa de que elas devem ser respeitadas, são adequadas a determinadas circunstâncias e a norma culta é considerada uma variação linguística.

À primeira vista temos um uso irregular do tema VL no EM, cujas presença e ausência dão a tônica dessa irregularidade. Mesmo com tratamento um pouco diferenciado entre o primeiro e o terceiro volume do LD, podemos constatar o contrário da afirmativa inicial desse parágrafo, pois no primeiro momento a temática é apresentada com um texto literário sobre o assunto, seguido de algumas reflexões e de exercícios de aplicação do conhecimento. Enquanto que na terceira aparição, temos um tratamento mais acadêmico, haja vista a quantidade de textos e de exercícios que tratam do conteúdo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, E. et al. *Novas palavras*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2005.

BAHIA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. *Orientações Curriculares Estaduais para o Ensino Médio*. Salvador: SEC-BA, 2005.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. *PCN + Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Orientações complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2006.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

FARACO, C. A. *Português: língua e cultura*. Curitiba: Base, 2003.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Português*. São Paulo: Ática, 2002.

MAIA, J. D. *Português*. São Paulo: Ática, 2003.

SARMENTO, L. L.; TUFANO, D. *Português: literatura, gramática, produção de texto*. São Paulo: Moderna, 2010.